

RIO'S PROFUNDOS



STORYTELLERS
VAULT

FOURTH EDITION



Uma Crônica para Lobisomem: o Apocalipse



Caminhos Sinuosos

- Presas-Primeiro foi extinto! - gritava o espírito do ancestral na cabeça de Ezequiel.

- Morto?

- Extinto! - urraram as três vozes ancestrais.

Ezequiel se sentia à beira da loucura, quase se afogando em frustração. Mas, como um Meia-Lua, ele sabia controlar as paixões sem ceder às águas profundas.

- Eu não entendo, caralho! Vocês falam em enigmas. - Apesar de sob controle, Ezequiel continuava sendo um Cria de Fenris.

- Segue o rastro das sombras, nas ondas e correntezas dos rios, fluando e escoando de Vera Cruz até tingir de sangue todo o Pindorama. Segue o rastro de Presas-Primeiro que está extinto. Segue o rastro de quem sofreu pelo dever; cego pelo instinto. Segue o rastro. São nos caminhos sinuosos sob ondas e correntezas que a serpente devora, mas não se sacia. Ela ouviu a voz do genocídio.

- A sombra... O genocídio é Halaiki - entendeu Ezekiel
- "A Serpente que devora e não se sacia" é Wakoru...

Halaiki se esconde nos rios enquanto Wakoru devora. Merda, isso é grande demais...

Desde que estivera com a Peregrina Silenciosa Testemunha-do-Invisível, a vida de Ezequiel se tornara mais escorregadia. Ele sentia como se tivesse metido o pé na jaca, ou em alguma metáfora mais perigosa. Ele, assim como a Peregrina, testemunhou K'ulmatu, o Espírito da Escravidão, manifesto. E agora os ancestrais insistiam que ele seguisse seus irmãos. Os filhos da extinção: Escravidão, Fome e Genocídio. Mas além de tudo, os espíritos também exigiam que ele perseguisse uma pista perdida.

"GOGOL! GOGOL! GOGOL!" - Eles gritavam como tambores de trovões, mas em descompasso.

- Já entendi, porra! Que inferno. - Na verdade ele não havia entendido. Mas, como um Cria de Fenris, decidiu agir. Ezequiel fitou no céu a lua nova. Não era o melhor augúrio para se aventurar na Umbra, mas ele havia aprendido uma lição sobre a insistência furiosa dos ancestrais Fenrir. Não havia forma de ignorá-los, a não ser que aceitasse sucumbir ao Frenesi. A sina de Ezequiel estava em seu nome. Fúria-das-Almas-Perdidas.

“Que papel de bosta Gaia escolheu pra mim” – pensou o Garou – “mas eu dou conta. Vambora” – Ezequiel concluiu, transformando o fato numa oração. Mesmo assim, sua intenção vacilou ao chegar na Penumbra.

Na fronteira daquele caern não havia símbolos ou guardiões. Sequer havia a bela vista de um recanto sagrado, ou Garou em vigília. Mas havia inúmeros fragmentos de Luna, como estilhaços incandescentes e prateados, a gnose desperdiçada em cacos. E com toda essa destruição, muitos cadáveres mutilados pela queda, ou pelo infortúnio. Havia sangue por todo os lados, salpicado em folhas, em poças no chão e escorrendo pelas lâminas prateadas. Aqueles fragmentos eram partes de Ponte de Lua que havia se partido em prata e fogo. Todo aquele sangue era dos Garou. O coração de Ezequiel pesou conforme o estômago embrulhava, mas mesmo assim ele andou pela cena de desastre. Alguns fragmentos eram enormes, e estavam fincados no chão. Ezequiel andou ao lado de uma das mais altas lâminas, mais alta que ele mesmo, e percebeu que a efêmera espiritual se desfazia. Apesar disso, ainda sustentava o resto mutilado de um Garou, que pintava de vermelha a efêmera de prata.

“Busque Gogol” – ainda ecoavam os Ancestrais em sua mente

- Shiu! – Ezequiel impôs, e depois inspirou se concentrando pelo que pareceu uma eternidade. Ao expirar, fez a mais breve oração pelos falecidos da história, e sentiu vergonha pela falta de respeito. Ele nem sabia quantos mortos havia por ali, eram muitos, mas não podia parar. Se interrompesse a investigação, os ancestrais gritariam em sua cabeça até levá-lo ao frenesi, então a pequena oração teria que servir. Afinal de contas, não existe trégua com o Lobo Fenris, e os ancestrais faziam valer essa realidade como um veneno lento.

A verdade é que Ezequiel estava perdido. Ele tentava concentrar os sentidos na investigação, mas não ultrapassava a contradição que os ancestrais exigiam: Por um lado eles queriam que Ezequiel encontrasse Presas-Primeiro, mas ao mesmo tempo diziam que ele estava ‘extinto’. Se fosse morto, pelo menos, haveria forma de encontrar o cadáver para uma despedida digna, ou qualquer outra exigência dos espíritos. Mas não era isso. Para os ancestrais, o sangue derramado era apenas sinal de que o trabalho estava feito, e que o destino escolhido por Gaia havia sido alcançado com glória.

Não... Os ancestrais se preocupavam com o cadáver de Golgol da mesma forma que se preocupavam com os restos mutilados ao redor de Ezequiel. Eles o haviam trazido até ali para seguir outro tipo de pista. Não era



sobre Presas-Primeiro. Era sobre o que existia no mundo, e sobre o poder necessário para extinguir um herói como Presas-Primeiro.

Ezequiel se agachou, tocou o chão e observou um caco de lua. Era como prata, quente e fria ao mesmo tempo, com algum brilho e movimento. Ele percebeu também que alguns fragmentos queimavam com labaredas de prata. E, além disso, apenas ruína e morte. A cena parecia grande demais para o primeiro olhar. Mas era, sem dúvidas, o começo de uma investigação.

Mais uma vez Ezequiel inspirou, juntou forças, e anunciou:

- Se vocês querem que eu vá atrás de Presas-Primeiro, eu vou precisar de silêncio a partir de agora.

Ele esperou por alguns momentos, vacilante se havia sido bem sucedido, mas aparentemente suas habilidades de Meia-Lua estavam em dia. Com o silêncio dos ancestrais e dos próprios movimentos cuidadosos, Ezequiel analisou a cena tentando compreender tudo o que estava vendo. A dificuldade o fez pensar em quanto tempo não corria com uma matilha. Desde que os ancestrais começaram a atormentá-lo, concluiu - e isso já fazia mais de 5 ciclos completos de Lua. Ele quase se sentia como um Peregrino Silencioso, mas não gostava da sensação. A tensão acumulada nos músculos queria a todo tempo explodir, mas talvez ele devesse tirar inspiração nos Portadores da Luz Interior, pois isso tudo só daria certo se ele conseguisse controlar a fúria de seu espírito.

Começou então a analisar o que lhe estava incomodando: Matilhas. Ao seu redor havia muitos corpos e partes mutiladas. Ezequiel percebeu que na grande maioria se tratavam de hominídeos, mas também tinha avistado Crinos, e aqueles cuja Raça Pura era visível mesmo após a morte. Ele também passou a perceber objetos: colares e manoplas em sua grande maioria, com glifos de tribo, lua e matilha. Mas havia também cintos rústicos com ferramentas Urrah; e em menor quantidade, a prata refinada em belas Adagas Rituais, agora mortas. Ezequiel não duvidava que se tentasse revirar os escombros e corpos, encontraria Muiraquitãs, Labrys, Trabucos, Grandes Klaives. Mas assim como os portadores desses fetiches, não havia algo inteiro ou com vida.

Ninguém sobrevive a uma altura celeste, e isso era tão evidente quanto a pluralidade nas matilhas. Todos os sinais indicavam que os Garou que correram pelas Pontes de Lua participavam matilhas diferentes, e que iam para um mesmo destino. Neste caso, a morte.

Quando se abaixou para tocar o rosto de uma Garou muito nova, se perguntando como ela havia parado ali,

Ezequiel percebeu algo se mover com a visão lateral. Sem sair do lugar, ele apenas fitou os arredores, tentando captar uma silhueta. Permanecia agachado, para não demonstrar que sabia da presença de outros, mas os pelos de seu braço e nuca eriçaram com os instintos de um lobo.

Ezequiel respirou fundo e imaginou que estava acorrentando sua vontade de matar com os grilhões de Gleipnir, a atadura mágica feita de seda, capaz de conter o Grande Lobo Fenris. Mais uma vez seus olhos escanearam a cena, passando por árvores partidas, estilhaços pequenos que começavam a desaparecer, e aqueles maiores, que ainda tinham certa tangibilidade espiritual na Penumbra. E foi numa dessas grandes lâminas que Ezequiel viu um vulto branco num reflexo. Na imagem refletida, o vulto estava exatamente atrás de Ezequiel, com uma grande pedra em suas mãos, erguida sobre a cabeça.

O Meia-Lua saltou para o lado girando o corpo, e percebeu uma pedra cair no chão, mas não viu ninguém ali. Olhou de um lado para o outro, incrédulo, pois tinha certeza de ter visto um vulto pálido e esquelético no reflexo. Ele ia acertá-lo com a pedra, e a pedra estava lá, no chão. Ezequiel tinha certeza que ela havia caído bem onde o vulto estava, mas agora não via o atacante.

Ao levantar, Ezequiel tomou uma postura mais alta e embrutecida, mas manteve a Fúria atada em Gleipnir. A forma Glabro ia ter que servir. Com todos os pelos eriçados, e com presas protuberantes pela boca, Ezequiel gritou como um animal ou um vocalista de Death Metal:

- QUEM TÁ AÍ? - e com sucesso, pois logo percebeu noutra lâmina o reflexo pálido e esguio correndo. Agora Ezequiel podia perceber que só nos pedaços maiores de ponte de lua ele conseguia ver o vulto branco. Era como se só os maiores fragmentos tivessem essência espiritual tangível o bastante para refletir aquele espírito. E então, como um bom Cria de Fenris, Ezequiel se jogou à ação, correndo por entre os pedaços de corpos e fragmentos de lua, tentando vislumbrar nos reflexos o vulto branco.

A energia da caçada impulsionava seu sangue, fazendo o coração palpitar com amor pela violência, pela vontade de combate... Mas Ezequiel havia amarrado sua Fúria numa atadura de seda chamada Força de Vontade. E, por enquanto, se mantinha em Glabro, embora babasse com o maxilar trincado.

O vulto branco só existia como reflexo, e ele conseguia pular de um pedaço de lua para outro, de um espelho para o outro. E quando Ezequiel percebeu isso, soube o que tinha que fazer. Ele desfez as amarras de seda e liberou sua fúria, alcançando a sua forma de combate, e lan-

çando uma poderosa garrada à superfície onde o vulto pálido se refletia. O grande pedaço de Ponte de lua quebrou e cortou o Cria de Fenris e, apesar de sentir muita dor, ele aceitou calado, cerrando os olhos. Ele caiu sobre a lâmina ao atacar, e alcançou o reflexo. Quando Ezequiel abriu os olhos novamente, a grande lâmina de prata estava estilhaçada, e sob sua poderosa pata, uma criatura baixa, magérrima e pálida. Tudo nele era brilhante como brancas nuvens e reluzente como a lua. Mesmo os olhos e cabelos pareciam imbuídos de prata.

- Quem é você?

Vacilante, o espírito respondeu.

- Ya-Yaci.

- Yaci?

Mas quem respondeu foram os espíritos ancestrais, retumbantes como antes:

“Yaci Yaterê! Yaci Yaterê! O Fragmento da Lua!”

- Sem enigmas, porra! – Ezequiel ergueu a voz e o foco, respondendo tanto aos seus instintos quanto os ancestrais. Isso o fez perder a compostura, e Yaci Yaterê aproveitou, escapulindo como um raio de luz. Num piscar de olhos, o espírito estava a alguns metros de distância, mas ao invés de partir em disparada, ele fitou o Cria de Fenris, que ainda parecia nervoso com os ancestrais.

- As vozes na sua cabeça tão certas, seu vagabundo! Eu sou Yaci Yaterê, o Jaci pros jacus, o fragmento de Lua. Um gringo que nem tu não teria mesmo como saber.

- Vo-você escuta meus ancestrais?

- Olha, sinceramente preferia não ter que sofrer esse tormento, mas sim, Garouzinho, eu escuto... Só que você não tem como entender, um gringo não conhece Yaci Yaterê! Estrangeiros são tão incapazes quanto lobos tentando capturar a luz da lua.

- Eu não sou estrangeiro. E capturei você – disse o Cria de Fenris, apontando para os pedaços que ele havia estilhaçado, onde Yaci Yaterê (Jaci, pros jacus) havia refletido.

Com esse simples argumento de lógica, a cara do espírito se desfez em vergonha. De início Ezequiel mal acreditou, mas pelo jeito Yaci não podia contrariar a verdade dos fatos, e com a mais pálida cara-de-cu já vista na Amazônia, Yaci respondeu, quase chorando:

- É que roubaram meu cajado! Eu perco poder sem o meu cajado!

Ezequiel assumiu a forma hominídea, e respirou fundo. Depois de muito pensar, andou de guarda baixa até Yaci Yaterê.

- Eu também sou um pedaço de lua, Yaci. Eu nasci sob a Meia-Lua, e para o meu povo isso indica... bem, indica um monte de coisas. Neste momento indica que eu estou dividido entre o dever e o fato de estar sozinho. Eu preciso achar um rastro, mas não tenho todas as pistas... Não sem minha matilha.

- E eu com isso?

- Bem, eu acho que estamos em posições muito parecidas. Você precisa do seu cajado, eu preciso achar um caminho. Se eu te ajudo a encontrar e punir seja lá quem tenha pegado o que é seu, você me ajuda a encontrar um rumo. O que me diz?

- E quem é que você procura?

Ezequiel Fúria-das-Almas-Perdidas suspirou.

- Aquele que foi capaz de acabar com um dos heróis do meu povo. Não tô falando de encontrar um corpo morto – Ezequiel gesticulou para a cena que os rodeava – O que eu tenho que encontrar é a própria extinção.

